

Conexão cultura
e desenvolvimento:
o caso da Rede
Carioca de Rodas
de Samba

João Grand Junior

João Grand Junior

**Conexão cultura e desenvolvimento:
o caso da Rede Carioca de Rodas de Samba**



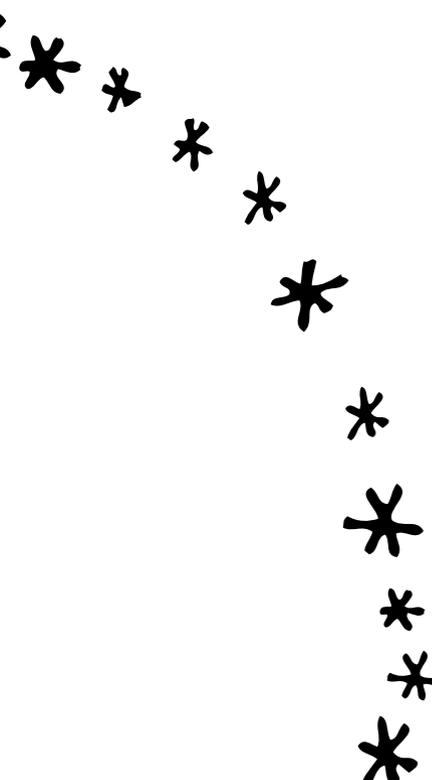
Introdução

Este artigo discute as possibilidades de mobilização produtiva do samba na cidade do Rio de Janeiro à luz do atual debate sobre cidades criativas. A partir das teorias da aglomeração, analisamos o papel das rodas de samba como catalisadores de interações sociais e produtivas, enfatizando seu caráter estratégico para o desenvolvimento. Com essa abordagem, destacamos a centralidade do samba para as dinâmicas de coordenação produtiva entre os atores locais e para a criação de uma “atmosfera” favorável às trocas de informações e conhecimentos que alimentam a criatividade social na cidade. Propomos a noção de sistema territorial de produção do samba para pensar a relação entre a cultura do samba e o sistema produtivo local, explorando as contradições e as potencialidades que emergem na metrópole carioca no contexto do projeto de cidade criativa. Para isso, analisamos o caso da Rede Carioca de Rodas de Samba (RS).

Cidades criativas: o caso da cidade do Rio de Janeiro

Desde os anos 1990, a perspectiva das cidades criativas se consolida como um novo paradigma de desenvolvimento, orientando ações do governo e da iniciativa privada no mundo. O processo de modernização da cidade do Rio de Janeiro (Cidade Olímpica) definiu a economia criativa como um dos seus pilares de “revitalização” urbana e de reposicionamento na economia global. Em 2010, a cidade do Rio de Janeiro ingressou na Rede de Distritos de Criatividade Flanders e, desde então, inúmeras ações foram adotadas para fortalecer os setores culturais e criativos. Destacamos a Lei Municipal n. 5.553/2013, que instituiu o incentivo fiscal de ISS para fomentar projetos culturais na cidade. Com isso, os recursos de fomento indireto (isenção tributária do ISS) passaram de 9,7 milhões de reais em 2009 para 53,5 milhões de reais em 2016¹. Outras ações importantes foram: a criação da incubadora Rio Criativo pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro; a obtenção do título de Patrimônio Mundial como Paisagem Cultural Urbana (UNESCO, 2012); e a expansão das linhas de fomento direto para a cultura (editais) etc.

¹ Previsão de investimentos segundo o relatório “A gestão da cultura carioca 2013-2016”. Secretaria Municipal de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro, 2016.



A perspectiva de desenvolvimento a partir da mobilização produtiva da cultura e da criatividade abre novas possibilidades para as cidades, mas também impõe desafios complexos à governança urbana local. O Porto Maravilha, um dos pilares da modernização da cidade do Rio de Janeiro, é um caso emblemático dessas questões, disputas e conflitos.

Com o Porto Maravilha, a zona portuária passou por grandes transformações: a construção do Museu de Arte do Rio – MAR (2013), do Museu do Amanhã (2015) e do AquaRio (2016); a reforma da Fundação José Bonifácio (2016); a criação do Boulevard Olímpico (2016) e do Distrito Criativo do Porto (2015); a atração e implantação de empresas criativas como CityLab, Youtube Spaces etc; a redescoberta do Cais do Valongo, sítio arqueológico da herança africana que recentemente se tornou Patrimônio Mundial (UNESCO, 2017).

Essas transformações na zona portuária ressaltam dinâmicas ambivalentes que traduzem a complexidade dos conflitos territoriais e das ações dos diferentes atores envolvidos. De um lado, essa renovação urbana, apesar das melhorias urbanísticas, também produz efeitos negativos como: (i) desapropriações realizadas pelo poder público; e (ii) processo de gentrificação, que avançou em um contexto de fragilidade de políticas de habitação social e do aumento dos custos de vida. De outro lado, os atores locais se reorganizam de forma criativa a partir de ações que refletem a resistência e a necessidade de reinvenção de suas práticas, frente às transformações em curso. Destacam-se o restabelecimento dos nexos comunitários, a revalorização da herança cultural negra e a emergência de novas articulações produtivas.

Esse é um exemplo emblemático que demonstra os limites dos modelos de governança urbana nas cidades criativas com relação à capacidade de lidar com as contradições entre o aprofundamento do capital e o desenvolvimento das condições materiais e simbólicas para atender à população local. Pesquisas têm demonstrado o caráter autoritário dos projetos de cidades criativas que seguem uma narrativa orientada essencialmente pelo mercado. Esses projetos assumem uma perspectiva teleológica, redutora e evolucionista. A partir de uma imagem ideal que privilegia uma narrativa específica, essa concepção de cidade “oblitera as multiplicidades, as heterogeneidades contemporâneas do espaço. Reduz coexistências simultâneas a um lugar na fila da história” (MASSEY, p. 24, 2008). Assim, a cidade criativa se torna o horizonte a ser alcançado para o desenvolvimento; e a replicação de boas práticas, um receituário de ações. Com isso, ocultam-se as contradições, os conflitos e as disputas em torno dos projetos de desenvolvimento, buscando-se eliminar a dimensão política da vida social em detrimento da econômica.

No entanto, essa perspectiva de desenvolvimento orientada por interesses específicos de determinados atores econômicos pode produzir efeitos disfuncionais ao sistema urbano ao: (i) restringir o alcance potencial da criatividade social local a uma ótica setorial e de mercado; (ii) negligenciar ou suprimir inovações que traduzam a diversidade cultural da cidade, mas não se enquadram no modelo de cidade idealizado; (iii) desarticular lógicas de interação entre os atores locais a partir da construção artificial de *clusters criativos*; e (iv) aprofundar as desigualdades socioespaciais ao promover processos de gentrificação.

A cidade e a festa

A imagem de cidade festiva se torna cada vez mais um elemento estratégico na narrativa das cidades criativas. Para Gravari-Barbas (2011), o caráter festivo assume uma importância fundamental no novo contexto urbano. De um lado, o festivo invade as diferentes dimensões da vida urbana contemporânea, tornando-se um componente essencial da maneira de fazer e de viver a cidade. De outro, o festivo se projeta no plano internacional como critério de diferenciação territorial ao ressaltar a especificidade do lugar através da imagem de vitalidade urbana.

No capitalismo de base cultural e cognitiva (SCOTT, 1997, 2005), as cidades que mobilizam produtivamente seus recursos e ativos específicos assumem posição de vantagem competitiva. Isso porque o paradigma da competitividade pela diferenciação evidencia a dimensão estratégica das competências territoriais como fator de concorrência espacial (VELTZ, 1999). Nesse contexto, as dinâmicas produtivas demandam formas de cooperação mais abertas e flexíveis, em oposição aos processos sequenciais e rotineiros do taylorismo. Para Moulier-Boutang (2012), em uma economia de interfaces caracterizada por um alto grau de interdependências e de interações complexas dos processos produtivos, não há como ignorar a importância das externalidades.

Para Pecqueur e Benko (2001, p. 38), “uma diferenciação durável dos territórios, ou seja, não suscetível de ser colocada em cheque pela mobilidade dos fatores, só pode assim resultar de sua especificidade reconhecida”. Ativos e recursos se distinguem entre genéricos e específicos. Os ativos são fatores em atividade e os recursos são fatores a explorar, organizar ou revelar. A ativação dos recursos implica inseri-los no processo produtivo. Dessa forma, eles adquirem um valor econômico mensurável em preço. Os recursos e ativos específicos não são passíveis de serem transferidos facilmente, ao contrário dos genéricos. Isso porque seu custo de realocação é elevado ou inviável. A especificidade do ativo

é determinada pela importância maior ou menor dos custos de transferências possíveis de serem cobertos. Já os recursos específicos não podem ser transferidos, pois só existem em estado virtual, ou seja, sua constituição reflete as condições particulares do local onde foi gestado.

A partir das teorias da aglomeração (STORPER; VENABLES, 2005), destacamos o caráter estratégico da “atmosfera festiva” na cidade do Rio de Janeiro para o desenvolvimento territorial. Analisamos a atmosfera festiva como recurso e ativo específicos. Ativo porque a imagem de cidade festiva *per se* já se caracteriza como um produto de diferenciação no mercado global das localizações associadas ao turismo e ao entretenimento. Recurso porque, assim como a “atmosfera industrial” de Marshall, a atmosfera festiva carioca potencializa as dinâmicas de interações social e produtiva na cidade. Nesse sentido, ela se constitui como uma instância de mediação que favorece a conexão entre os diferentes grupos sociais e imaginários simbólicos, intensificando a circulação de informações, ideias e conhecimentos.

A “cultura da rua” na cidade do Rio de Janeiro, traço característico dessa atmosfera festiva, desempenha papel-chave de aproximação entre os atores locais. Assim, a atmosfera festiva carioca se revela um elemento central da criatividade social na cidade. Da perspectiva do planejamento territorial, apreender o processo criativo como expressão de uma inteligência coletiva – a criatividade social – é fundamental para repensar as relações entre as empresas e os territórios nas dinâmicas produtivas contemporâneas. Trabalhamos a ideia de criatividade social como uma potencialidade que se exprime como um “saber vivo” e colaborativo, constituído a partir das interações entre os diferentes tipos de conhecimento (técnico, científico, artístico e da experiência). Essa criatividade se alimenta das experiências de comunicação, que ganham amplitude nas cidades, conectando diferentes realidades socioculturais. Nesse ponto reside a importância das dinâmicas de proximidade.

Esquemáticamente, destacamos dois níveis de interação na constituição da criatividade social: (i) o global, viabilizado pelas novas redes telemáticas, se caracteriza como o espaço de circulação de informações e de conhecimentos passíveis de codificação (reprodutíveis e mais facilmente deslocáveis); e (ii) o local, alimentado com as interações produzidas nos espaços do cotidiano, as quais se exprimem nos conteúdos produzidos e ressignificados a partir de códigos e valores das culturas locais. Nesse sentido, a transferência desses conhecimentos é inviabilizada em razão do custo elevado e de seu caráter intangível e não codificável; eles são vinculados ao contexto onde foram forjados e traduzem as especificidades locais.

Como fenômeno geográfico, a criatividade social pode ser analisada a partir das interações que se constituem nos territórios e que são capazes de criar ambientes favoráveis aos processos criativos. Essas interações, em seu estágio de virtualidade, abrigam inúmeras possibilidades: desde inovações direcionadas ao mercado à construção de novos padrões de sociabilidade e formas alternativas de organização da vida social e produtiva como, por exemplo, as economias colaborativas.

Na cidade do Rio de Janeiro, a cultura do samba desempenha papel-chave na criação de ativos e recursos específicos, e na produção de externalidades positivas. As escolas de samba, os blocos de rua e as rodas de samba são espaços de germinação que potencializam os encontros e as trocas de saberes, favorecendo as dinâmicas de aprendizagem coletiva e a emergência de processos criativos. No entanto, essa leitura implica ir além da perspectiva que reduz a potência da criatividade social expressa nas manifestações do samba à simples condição de mercadorias. Uma nova abordagem de mobilização produtiva do samba passa por reconhecer a simbiose entre suas múltiplas dimensões: sociocultural (expressão artística e de formas de vida), econômica (produção e consumo) e política (luta pelo direito à cidade).

Se, de um lado, o samba como produto (ativo específico) pode ser exportado e reproduzido como simulacro em outras cidades do mundo, de outro, a criatividade social local, em que pesem os imaginários das festas populares, não se converte em produto ou experiências replicáveis, pois reflete as condições locais. Os conhecimentos derivados da experiência e acumulados, por exemplo, nas figuras dos “mestres” ou nos rituais das rodas de samba, não podem ser codificados. Sua transmissão é geracional e se realiza através do contato face a face.

Assim, a cultura do samba não pode ser instituída artificialmente por decreto. É um saber vivo que se renova nas experiências do cotidiano: nos desejos motivados pelo imaginário da festa, nas manifestações artísticas que ocupam as ruas para disputar e recriar a cidade, nas diferentes formas de associação criadas a partir de relações de afeto e de solidariedade, no espírito comunitário e também como ferramenta de inserção socioeconômica.

Sistema Territorial de Produção do Samba Carioca (STPSC)

A retomada das festas nos espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo com o crescimento dos blocos de rua e das rodas de samba, tem apontado novas perspectivas para pensar a cultura como vetor de desenvolvimento. O fortalecimento do carnaval de rua evidenciou uma mudança qualitativa nas formas de viver a experiência da festa e da cidade. De um lado, contribuiu para relativizar o imaginário da “Cidade Partida”, estimulando as pessoas a se deslocar pela cidade em busca de novas experiências festivas. De outro, reforçou a concepção de participação que não se limita à condição de espectador (consumidor do espetáculo). As pessoas buscam cada vez mais se integrar à festa, a partir de dinâmicas nas quais produção e consumo se misturam. O recente aumento da demanda por atividades ligadas ao imaginário da festa, como as oficinas de percussão, ilustra esse fenômeno, que contribui para fortalecer as dinâmicas de criatividade social na cidade.

Desse movimento surgem iniciativas e formas de organização, que sinalizam novas possibilidades de mobilização produtiva do samba para o desenvolvimento territorial. A Rede Carioca de Rodas de Samba (RS) é um dos muitos exemplos que ganham força na cidade, tendo as rodas de samba como elementos catalisadores. A formação da RS ilustra dinâmicas que muitas vezes escapam ao olhar das políticas públicas e às estatísticas oficiais que privilegiam os grandes números. Em geral, o poder público subestima o potencial de desenvolvimento dessas iniciativas culturais de base local e popular, apesar de sua importância econômica direta e de sua contribuição para as dinâmicas de criatividade social na cidade.

Por um lado, essas iniciativas se revelam potentes por sua capacidade de estimular soluções criativas de inserção socioeconômica e de transformação social pela cultura. A complexidade e riqueza dessas iniciativas residem, sobretudo, em sua capacidade de mobilizar grande diversidade de atores e fazer dialogar diferentes práticas de trabalho e lógicas econômicas na cidade.

Por outro lado, tais iniciativas também demonstram fragilidade em função de uma série de motivos: (i) valorização econômica dos espaços onde elas ocorrem e os riscos de gentrificação; (ii) inconsistência ou inexistência de políticas de desenvolvimento baseadas no fortalecimento desses atores e dos arranjos locais; (iii) dificuldades relacionadas à formação e capacitação dos atores; (iv) ambiente institucional fortemente burocratizado etc. Muitas dessas questões passam pela dificuldade do poder público em compreender o papel das políticas culturais como políticas de desenvolvimento.

A perspectiva do desenvolvimento territorial a partir da Escola Francesa da Proximidade destaca a centralidade dos processos de coordenação entre os atores e seus efeitos na criação de recursos/ativos específicos. Assim, o desenvolvimento territorial reflete um processo “situado” de construção social dos atores em torno de desafios comuns, que visa revelar recursos inéditos. Dessa forma, implica uma identificação coletiva com uma cultura e um território, e não pode ser implementada por decreto, ainda que políticas públicas possam ser importantes, principalmente se orientadas para potencializar as condições de mobilização produtiva dos atores (PECQUEUR, 2005b).

A partir do debate contemporâneo que analisa as relações entre desenvolvimento e territorialização da economia – Sistemas Territoriais de Produção (MAILLAT, 2002) –, propomos a noção de Sistema Territorial de Produção do Samba Carioca (STPSC) destacando os aspectos a seguir.

Em primeiro lugar, ressalta-se a configuração espacial do samba na cidade, em que pesem a extensão e a densidade de suas manifestações. Chamamos atenção para o processo histórico de territorialização dessa expressão cultural e para os efeitos de aglomeração gerados. A geografia do samba carioca retrata as resistências e o processo de dispersão forçada rumo aos subúrbios da cidade, principalmente da população negra e mestiça. Em segundo lugar, destaca-se a capacidade de agregação social e de potencialização das interações na cidade através de uma “atmosfera festiva” que, se por um lado se traduz como entretenimento, por outro se expressa como sentimento de pertencimento e de resistência política, cultural e identitária. Nesse sentido, o processo de afirmação e legitimação social do samba carioca é também uma estratégia de disputa e de reposicionamento das populações marginalizadas na cidade através da festa. Por fim, em terceiro lugar, sua ampla inserção no tecido produtivo metropolitano, conectando diferentes redes de atividades econômicas formais e informais. Essa inserção, originalmente a partir da indústria fonográfica no início do século 20, expandiu-se incorporando praticamente todos os setores da economia criativa.

A perspectiva do STPSC visa debater o caráter de articulação e coordenação produtiva, que se constitui em torno das manifestações do samba do ponto de vista do planejamento territorial. Assim, as escolas de samba, os blocos de rua e as rodas de samba são analisados como espaços estratégicos de interação (encontros, articulações e coordenação) para redes de diferentes naturezas (sociais e produtivas), que operam em múltiplas escalas e mobilizam diversos atores (estado, empresas, grupos sociais etc.) e atividades ligadas à economia criativa. Esse sistema integra os distintos circuitos da economia urbana, desde atividades

como o teatro, o cinema, a música e o turismo, até os ambulantes, os catadores, as costureiras, os pequenos produtores culturais etc.

Nesse contexto, as manifestações do samba carioca se revelam importantes vetores de polinização, que contribuem para a formação de redes de cooperação social produtiva, essenciais à manutenção de práticas como a criação colaborativa, os laços de confiança e de solidariedade, a socialização de informações e os sentimentos de pertencimento. Esses fatores intangíveis expressos nas práticas sociais se manifestam como competências territoriais capazes de promover dinâmicas de desenvolvimento territorial e de fortalecer as estratégias de competitividade pela diferenciação.

Rede Carioca de Rodas de Samba (RS)

A criação da Rede Carioca de Rodas de Samba (RS) contribuiu para fortalecer o STPSC. Por pensar e agir a partir das realidades locais – as rodas de samba e seu entorno –, mas tendo a cidade como horizonte de planejamento, a RS pode desempenhar uma função-chave na construção de pactos territoriais, haja vista a força de mobilização social e produtiva do samba carioca.

El pacto territorial es un instrumento de concertación de todas las fuerzas económicas y sociales presentes en el ámbito local con el fin de dirigirlas a la realización de objetivos comunes de desarrollo. (CARMONA, p. 118, 2006).

A RS começou a ser construída em fins de 2014, a partir do acirramento das tensões e conflitos pelo uso do espaço público envolvendo a Roda de Samba da Pedra do Sal. Esse episódio motivou o aprofundamento do diálogo com as autoridades locais. Ficou evidente, para os sambistas envolvidos, a necessidade de se repensar as formas de apropriação desse patrimônio cultural e ativo econômico, o samba carioca, a partir de alguns pressupostos: (i) a preservação e valorização das rodas de samba como expressão artístico-cultural; (ii) a melhoria das condições de trabalho para os atores envolvidos, sobretudo, os profissionais do samba; e (iii) a articulação com outras áreas da economia criativa como estratégia de sustentabilidade econômica das rodas. Assim, o movimento que originou a RS entendia ser necessário potencializar o samba, dada sua força e singularidade na cidade como instrumento de desenvolvimento local, voltado à melhoria das condições de vida dos profissionais envolvidos.

Em 1º de dezembro de 2015, foi assinado o Decreto Municipal n. 41.036, criando o Programa de Desenvolvimento Cultural Rede Carioca de Rodas de Samba. Esse decreto foi resultado de negociações entre os profissionais das rodas de samba alinhados à RS e o poder público municipal. Outro aspecto importante na criação da RS foi reconhecer a necessidade de incorporar novas informações e conhecimentos aos saberes e práticas tradicionais dos sambistas. Nesse caso, o Instituto Eixo Rio contribuiu ao propiciar um ambiente rico em interações com outros atores e experiências da cena cultural carioca: grafite, hip-hop etc. Ao utilizar a sede do Eixo Rio como espaço de reuniões, a RS encontrou um ambiente plural e rico em estímulos e possibilidades. Além disso, cabe destacar o papel do Eixo Rio como mediador institucional no campo da política cultural na cidade do Rio de Janeiro, buscando construir pontes efetivas entre as esferas de deliberação do poder público e os representantes das manifestações culturais.

O decreto de criação do Programa de Desenvolvimento Cultural Rede Carioca de Rodas de Samba se tornou um instrumento estratégico para a RS, pois facilitou o diálogo com atores importantes do campo da cultura na cidade. Na esfera do poder público, a RS concentrou sua atuação em quatro frentes: (i) viabilizar as autorizações para a realização dos eventos; (ii) captar recursos via editais e/ou repasse direto; (iii) provocar a reflexão sobre a importância das rodas de samba para a vida cultural e econômica da cidade, ressaltando a necessidade de políticas públicas específicas; e (iv) buscar suporte para a produção e gestão de informações.

Além dessas articulações de natureza institucional, a RS também buscou aproximar as rodas de samba entre si e mediar a relação delas com os expositores (microempreendedores) e os fornecedores de bens e serviços das feiras de samba. Aproximar as rodas de samba se revelou um importante exercício de pactuação de agendas e objetivos comuns, e de fortalecimento das práticas de colaboração e de criação conjunta.

A realização do Circuito Rede Carioca de Rodas de Samba, de outubro de 2016 a janeiro de 2017, permitiu consolidar as parcerias e definir os processos de coordenação entre os atores, tendo a RS como articulador central: as rodas de samba, o poder público, os fornecedores de bens e serviços, os produtores culturais, os profissionais liberais, os expositores etc. O Circuito RS foi fundamental para testar e consolidar alguns conceitos e estratégias na busca de sustentabilidade econômica para a RS e para as rodas de samba, tais como as Feiras de Samba, a Roda das Rodas e a Pesquisa RS.

Em linhas gerais, a ideia das Feiras de Samba consiste em promover um arranjo territorial baseado na articulação e parcerias entre as rodas de samba, os fornecedores de bens e serviços, e os expositores. As rodas de samba seriam, assim, o epicentro de um movimento de coordenação com outros atores da economia criativa: profissionais da moda, gastronomia, artesanato etc. Esse formato elimina ou reduz a necessidade de intermediários fazendo a comercialização dos produtos das rodas de samba e de seus parceiros, na medida em que as Feiras de Samba se tornam pontos de venda. A proximidade com o consumidor final também é uma vantagem desse modelo, pois gera contatos face a face que facilitam a circulação de informações e o *feedback* imediato do público. Outro ganho substancial ocorre em termos de divulgação dos eventos e de atração de públicos diferenciados.

Além disso, a configuração espacial das feiras de samba, com as barracas de expositores circundando as rodas de samba, cria uma espécie de “cinturão” que reduz a circulação de ambulantes e a competição com as rodas de samba na venda de bebidas. Por outro lado, essa configuração não os exclui do jogo, pois permite que os ambulantes fiquem nas áreas externas às barracas. Em resumo, as Feiras de Samba constituem um esforço de construção de parcerias baseadas, sobretudo, em lógicas de pertencimento. Nesse sentido, a RS passa a se organizar para além de seu horizonte original – as rodas de samba –, a fim de atuar como um operador/mediador das dinâmicas de interações social e produtiva na cidade.

Além dos ganhos diretos como o aumento dos lucros dos fornecedores e a redução dos custos de produção das rodas de samba, o Circuito RS também contribuiu para a redução das incertezas quanto ao calendário de eventos e ao pagamento dos serviços, e para melhorar a circulação de informações entre os atores, aspectos fundamentais para o equilíbrio dos sistemas econômicos. A Roda das Rodas foi concebida como o encontro de todas as rodas integrantes da RS, sendo, portanto, uma estratégia de aproximação entre as rodas de samba e o maior evento da RS.

A pesquisa RS² produziu dados inéditos sobre a realidade das rodas de samba na Cidade do Rio de Janeiro. O público das rodas de samba vem de diferentes partes da cidade, representa diferentes classes sociais e modos de vida, trazendo em sua bagagem cultural diferentes representações simbólicas. Nas rodas de samba, essa diversidade se encontra e interage. Muitas vezes trocam-se informações, saberes

e conhecimentos; valores e códigos são ressignificados; projetos novos nascem e outros são fortalecidos. Nesse processo reside um fator-chave da criatividade social local e um aspecto central da dimensão produtiva do samba carioca para o desenvolvimento territorial: a criação de instâncias de mediação, que potencializam as interações sociais e produtivas na cidade.

Segundo a pesquisa, 77% do público é frequentador regular de rodas de samba, com a predominância das mulheres (55%). Existe uma grande heterogeneidade em termos de idade, sendo a maior concentração na faixa etária entre 20 e 39 anos (62%). Com relação à classificação por cor ou raça: 50,1% do público se declarou preto/negro, 23% pardo, 21,8% branco, 1,4% amarelo, 0,4% indígena, 1,6% outra e 1,6% não informou. Sobre a escolaridade, 63% do público já cursou ou está cursando o nível superior: 28%, ensino superior completo; 18%, ensino superior incompleto; 17% possuía pós-graduação. No entanto, quando cruzamos os dados de cor ou raça com a escolaridade e examinamos o universo de cada grupo específico, verificamos que o percentual de ingressos no nível superior entre os brancos é de 76%, entre os pardos, 57%, e entre os pretos/negros, 56%. Portanto, uma variação significativa que retrata um quadro histórico de desigualdade de oportunidades no país.

Além dessas questões socioeconômicas de caráter mais geral, a pesquisa também procurou identificar o potencial de mercado das rodas de samba. As Rodas de Samba tiveram uma avaliação bastante positiva, totalizando 94% de avaliação alta e muita alta. Sobre o consumo médio em reais, 31% dos entrevistados sinalizaram consumir acima de 75 reais. No agregado das faixas de consumo, 48% do público consome em média um valor superior a 55 reais, enquanto que 66% um valor médio superior a 45 reais. A pesquisa apontou um público médio de 500 pessoas por evento. Se tomarmos como referência os 48 eventos/mês realizados pelas rodas de samba da RS e extrapolarmos esses dados de consumo para o público médio das rodas de samba, podemos estimar uma movimentação aproximada de 1,3 bilhão de reais por mês. Esses dados de consumo fornecem um parâmetro para pensar o potencial da economia das rodas de samba na cidade.

Em termos gerais, além da dotação direta de infraestrutura e de outros serviços essenciais à divulgação e fortalecimento da imagem das Rodas de Samba RS (mídias sociais, assessoria de imprensa, design etc.), o Circuito RS contribuiu para alinhar as parcerias em torno de um projeto comum, sobretudo com as redes produtivas (fornecedores, expositores e profissionais liberais atuantes na RS). Nesse sentido, ele funcionou como uma importante experiência de coordenação dos atores que atuam na economia do samba na cidade a partir da RS.

² Nessa primeira fase da pesquisa, foram aplicados 738 questionários de Perfil do Público em 18 rodas de samba da cidade e 24 questionários de Perfil das Rodas de Samba.

Considerações finais

A experiência da RS demonstrou o papel central que as organizações do samba podem desempenhar em termos de articulação e coordenação dos processos produtivos na economia criativa. O samba possui uma capacidade ímpar de mobilização produtiva na cidade do Rio de Janeiro, reunindo grande variedade de atores sociais e econômicos. Nesse sentido, o Circuito RS foi uma rica experiência de construção social dos atores do samba e de alinhamento de parcerias em torno de pactos territoriais a partir de projetos comuns. Em outras palavras, uma ação capaz de potencializar dinâmicas de desenvolvimento territorial na cidade do Rio de Janeiro, tendo por base as manifestações culturais do samba.

_____. *Les ressorts géographiques de l'économie culturelle: du local au mondial*. L'Espece géographique 3/2005 (tome 34), p. 207-222.

STORPER, Michael; VENABLES, A. J. O burburinho: a força econômica da cidade. In: DINIZ, C. C. et al. (Org.). *Economia e território*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

VELTZ, Pierre. *Mundialización, ciudades y territorios: la economía de archipiélago*. Barcelona: Editorial Ariel S. A, 1999.

Referências bibliográficas

CARMONA, Rodrigo. Dinâmicas territoriais, políticas públicas e novos sistemas de governança nos distritos industriais italianos. In: COCCO, G.; SILVA, G. (Orgs.). *Territórios produtivos: oportunidades e desafios para o desenvolvimento local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GRAVARI-BARBAS, Maria. *Nouvelles fêtes, nouveaux lieux, nouvelles spatialités*. Vers une géographie des événements festifs à Paris. Revista Cidades (Grupo de Estudos Urbanos), v. 8, n. 13, p. 183-206, jan-jun 2011.

MAILLAT, Dennis. *Globalização, meio inovador e sistemas territoriais de produção*. Interações – Revista Internacional de Desenvolvimento Local, v. 3, n. 4, p. 9-16, mar. 2002.

MASSEY, Doreen B. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOULIER-BOUTANG, Yann Moulier. Revolução 2.0, comum e polinização. In: COCCO, Giuseppe; ALBAGLI, Sarita (Org.). *Revolução 2.0: e a crise do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Garamond, p. 75-93, 2012.

PECQUEUR, Bernard. *O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul*. Revista Raízes, v. 24, n. 1 e 2, jan-dez 2005b.

_____. *Les ressources de territoires et les territoires de ressources*. Finisterra, XXXVI, 71, p. 7-19, 2001.

SCOTT, Allen J. *The cultural economy of cities*. Blackwell Publishers, 1997.

